

## A AMPULHETA DA LEXICALIZAÇÃO E O TRAJETO ANTROPOLÓGICO DO IMAGINÁRIO

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)

Hildo Honório do Couto (UnB/GEPL)

- Cada palavra nos é um convite a ver a coisa que ela denomina; A palavra [...] é anúncio e promessa de coisa, é já um pouco a coisa; O nome [...] é 'referência à coisa'; A palavra é [...] presença do ausente; *Aliquid stat pro aliquo* (José Ortega y Gasset, *Origem e epílogo da filosofia*).
- O nome denota o objeto. O objeto é sua denotação; na proposição o nome substitui o objeto; A proposição é modelo da realidade tal como a pensamos; A proposição é descrição de um estado de coisas; Só a proposição possui sentido, só em conexão com a proposição um nome tem denotação (Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*).

**Abstract:** The objective of this article is to show in relative detail the hourglass of lexicalization to, from there, compare the process it represents with that of the anthropological trajectory of the imaginary proposed by Gilbert Durand. More linguistic data than anthropological data are presented, but many data from this author's theory could be adduced. A good example is the case of the doctor imagined as a murderer, the lawyer as a thief and the priest as a beggar from the 1950s through the 1970s, in a small community in the interior of Minas Gerais.

**Key-Words:** Hourglass of lexicalization; Linguistic ecosystems; Anthropological trajectory of the imaginary

**Resumo:** O objetivo deste artigo é expor em relativo detalhe a ampulheta da lexicalização para, a partir daí, comparar o processo que ela representa com o do trajeto antropológico do imaginário proposto por Gilbert Durand. São apresentados mais dados linguísticos que antropológicos, mas muitos dados da teoria desse autor poderiam ser aduzidos. Um bom exemplo é o caso do médico imaginado como assassino, o advogado como ladrão e o padre como pidão dos idos das décadas de 1950 a 1970, numa pequena comunidade do interior de Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Ampulheta da lexicalização; Ecossistemas linguísticos; Trajeto antropológico do imaginário.

## 1. Introdução

A linguística ecossistêmica reconhece que a língua apresenta três dimensões, a natural, a mental e a social. Reconhece também que a dimensão mental, representada no ecossistema mental da língua, é intermediária entre a natural e a social. Tem sido amplamente discutido na literatura linguístico-ecossistêmica que tudo que é social é, antes, também mental, mas, nem tudo que é mental é também social, compartilhado, como se pode ver nas figuras abaixo e respectivos comentários. A antropologia do imaginário também valoriza muito a dimensão psíquica, mental, como já se vislumbra no termo “imaginário”, sendo que existe também o imaginário coletivo, que seria uma somatória do que vai pelo cérebro/mente da totalidade dos indivíduos da comunidade. Como nos fenômenos da linguagem, também aqui tudo começa pelo natural. No presente contexto, o essencial é o papel de elo que o mental representa entre o social e o natural.

O objetivo principal deste artigo é mostrar que um conceito importante da linguística ecossistêmica, a chamada ampulheta de lexicalização, tem correspondente quase perfeito na antropologia do imaginário, de Gilbert Durand. Pretendemos ainda mostrar que o conhecimento subjacente, tácito dos usuários da língua prevê não apenas as construções efetivamente usadas (ativadas), mas também as potenciais, previstas pelas regras sistêmicas, ou seja, as construções que se encontram ainda inativadas, na sintaxe, na morfologia e na fonologia. Tudo isso se dá nas interações comunicativas (interação pessoa-pessoa) falando de algo fora da linguagem (relação pessoa-mundo) e é processado no ecossistema mental dos usuários. Trata-se do surgimento de palavras e frases que se dá nas interações pessoa-pessoa referindo-se a coisas extralinguísticas, interações pessoa-mundo levando a língua.

Embora esses processos se deem em todos os níveis da linguagem, é no léxico que eles são mais perceptíveis. A ponto de às vezes se pensar que a ampulheta da lexicalização trata apenas da formação e transformação do vocabulário da língua, como sugere seu nome. Porém, o que está exposto nela vale também para sintaxe, morfologia, fonologia, semântica etc.

## 2. A ampulheta da lexicalização no contexto da linguística ecossistêmica

Dentro do concepção de língua como interação (comunicativa) a ampulheta da lexicalização visa a mostrar como o processo de formação e transformação da língua se dá na mente de seus usuários, ao interagirem uns com os outros reportando-se a algo fora da língua, ou seja, ao mundo. Embora a ênfase seja posta no léxico, o processo é extensivo a todas esferas da língua. Ela compreende pelo menos três tipos básicos de interação. A primeira é a interação pessoa-pessoa, levando a linguagem, a interação comunicativa, mais conhecida simplesmente como **comunicação**. Como prototipicamente se comunica sobre algo fora da linguagem, referindo-se a alguma coisa, temos, em segundo lugar, a interação pessoa-mundo, que é a significação, tecnicamente conhecida como **referência**. Deve ser ressaltado que quem entra em contato com as coisas do mundo são pessoas, levando a linguagem, não a linguagem propriamente dita, como dá a entender a maioria das teorias linguísticas. Pelo contrário, a linguagem é formada e usada em função desse contato. Ela só existe nos usuários. Isso está representado na fórmula da referência exposta em Couto, Silva & Albuquerque (2024, p. 66).

Existe um terceiro tipo de interações linguísticas, as **interações sistêmicas**. Trata-se das interações entre fonemas para formar sílabas, entre sílabas para formar morfemas e/ou palavras, entre palavras para formar locuções, frases ou construções mais complexas e assim por diante. Elas constituem o que se chama gramática, como na metafunção textual de Halliday (2014), e são basicamente a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Mais abaixo voltaremos a elas.

## ECO-REBEL

As interações comunicativas têm sido objeto de diversas representações, a começar pelos engenheiros da comunicação. Uma figura amplamente conhecida é a de Saussure (1973, p. 19), reproduzidas na figura 1. Apesar do fato de este modelo representar a interação comunicativa como se fosse um circuito fechado, ele é um bom ponto de partida, pois mostra que a língua é interação.

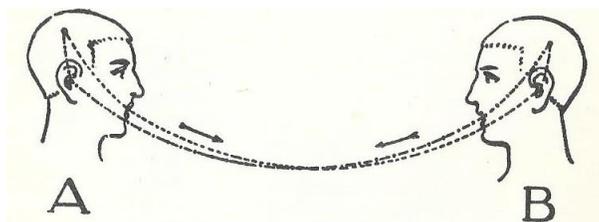


Fig. 1

Esse processo é governado pelas **regras interacionais**, às quais estão subordinadas as **regras sistêmicas** (COUTO; COUTO, 2023, p. 14).

Dirigindo o foco especificamente para a interação palavra-coisa da interação pessoa-mundo (levando a linguagem), temos o que se poderia representar como se vê na figura 2. Ela mostra que a relação entre a palavra “árvore” e a coisa árvore pode ser vista de duas perspectivas. A primeira é a onomasiológica: ao vermos uma árvore concreta ou ao imaginá-la, vem à nossa mente a palavra “árvore”. Mais, se precisarmos falar dela a alguém, é mediante essa palavra que o fazemos. A segunda perspectiva é a sugerida pelas frases do filósofo José Ortega y Gasset da epígrafe. Quando ouvimos a palavra “árvore” nossa mente a relaciona com o que está representado à direita da figura 2. É nesse processo que surgem as polissemias, metáforas (*árvore do conhecimento*, p.x.), metonímias etc. Vale dizer, após formada no processo onomasiológico, a palavra pode ser remanejada semasiologicamente para se referir a outra(s) coisa(s) que não a que lhe deu origem. A palavra *sobre*, por exemplo, surgiu para indicar a posição de uma coisa em cima da outra (*o livro está sobre a mesa*). Tempos depois, semasiologicamente, ela passou a se referir também a assunto (*Estamos falando sobre ampulheta da lexicalização*). A maioria dos vocábulos é polissêmica. Os exemplos abundam. Por exemplo, Silva (2021) é inteiramente dedicado aos usos metafóricos de nomes de partes do corpo humano para designar outras realidades, a despeito de ser um trabalho que deixa muito a desejar.

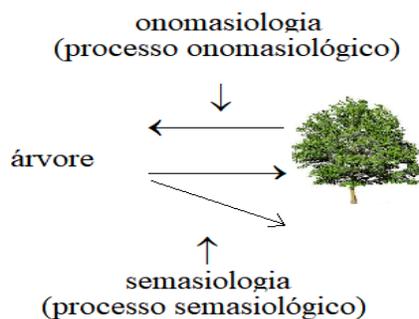


Fig. 2

Passemos às relações entre a coisa (o referente) e a palavra (o signo), começando naturalmente pelo processo onomasiológico (da coisa à palavra), seguido da virada semasiológica (da palavra à coisa).

### 3. A ampulheta da lexicalização e sua dinâmica

As frases de Ortega y Gasset e Wittgenstein da epígrafe adiantam com bastante propriedade um dos objetivos do presente artigo. As de Ortega y Gasset dizem respeito à relação palavra-coisa, à referência, e à importância da coisa para o entendimento da palavra. As de Wittgenstein também dizem isso, mas vão além, falando da proposição como se referindo a um estado de coisas e que “só em conexão com a proposição um nome tem denotação”, ou seja, indo um pouco além de Wittgenstein, a palavra só adquire sentido no uso. Os dois pensadores falam da relação entre linguagem e mundo. Eles só não chegam a ao ponto de deixar claro que a relação entre a palavra e a coisa se dá por meio dos falantes. Afinal, a língua não é uma coisa para se relacionar com outra. A **ampulheta da lexicalização** é um modelo proposto no contexto da linguística ecossistêmica para tentar explicar o que se passa no ecossistema mental dos falantes diante das interações mostradas na figura 2. Ela foi proposta originalmente em Couto (2007, p. 123) com a configuração reproduzida na figura 3. É de se notar que P está na zona de transição entre a do território (T), que é natural, e a da língua (L), que é abstrata, social. Vale dizer, aqui P está para o que é considerado o domínio da mente/cérebro, o ecossistema mental da língua.

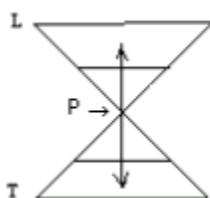


Fig. 3

A seta ascendente indica o processo de formação da palavra (onomasiologia); a descendente, o de sua transformação (semasiologia), redundando em polissemias, metáforas, metonímias etc. Em um ensaio inteiramente dedicado à uma faceta da dimensão mental da língua, foram acrescentados nomes a cada etapa do processo de lexicalização, como se pode ver na figura 4 (COUTO, 2017). Não vamos explorar em pormenores o processo que vai da percepção até a lexicalização porque ele já está exhaustivamente discutido em Couto (2023, p. 67-71).

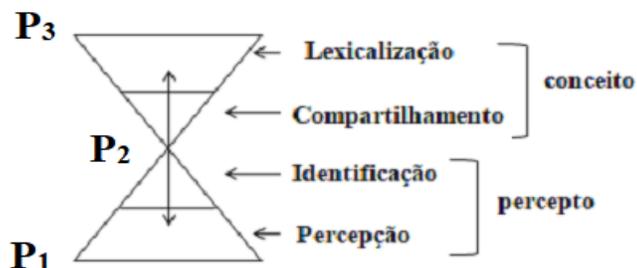


Fig. 4

## ECO-REBEL

Comunicação e referência são as duas faces da moeda da linguagem. Nós nos referimos a algo comunicando (interação comunicativa, comunicação) e nos comunicamos referindo a algo (referência). As únicas fases genéticas do processo onomasiológico de lexicalização que não pressupõem necessariamente o outro (interlocutor) são a percepção e a identificação. Elas se dão inteiramente no interior da parte estritamente natural do processo. A percepção e a identificação dos fenômenos do mundo são inteiramente individuais. Só quando o indivíduo tem necessidade de compartilhar o percepto aí adquirido o fenômeno recebe um nome (lexicalização) porque virou conceito.

Posteriormente o modelo foi aperfeiçoado um pouco mais, resultando no que se vê na figura 5. Ela mostra a ligação do ecossistema natural com o social pelo ângulo P, que funciona como o agente do ecossistema mental, que pode ser encarado em sua conexão com o natural e com o social.

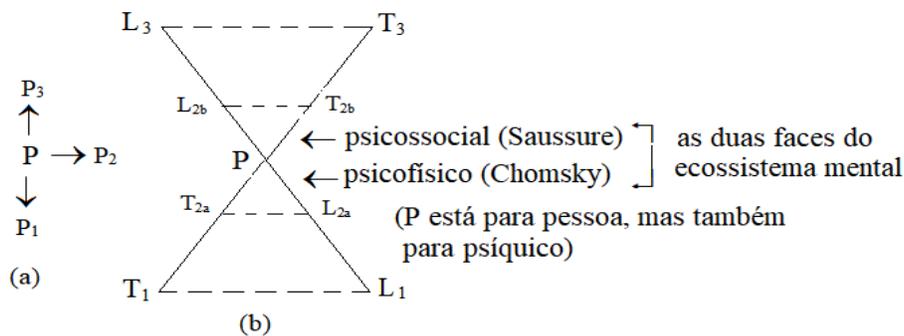


Fig. 5

A figura 5 mostra que o ecossistema mental pode ser visto partindo do lado físico (natural), representado pelo triângulo menor de base virada para baixo, constituído de  $L_{2a}$ ,  $P$ ,  $T_{2a}$ , que representa a faceta psicofísica da língua, como defendida por Noam Chomsky. Pode ser olhado também a partir da dimensão social, o que está representado pelo minitriângulo de base virada para cima, constituído de  $L_{2b}$ ,  $P$ ,  $T_{2b}$ , que representa a face psicossocial da língua, como se vê em Saussure. Há muita coisa a mais a comentar sobre essa figura, como o fato de que  $P$  representa o ponto de transição entre a dimensão natural e a social. Na figura 5,  $P$  está para  $P_1$  de natural e  $P_3$  de social, sendo que ele próprio ( $P_2$ ) compreende as duas dimensões, ou seja,  $(P_2) = P_1 + P_3$ , como se vê na subfigura (a) à esquerda. Em suma, a figura 5 mostra as duas dimensões do ecossistema mental: a que está no domínio do natural ( $L_{2a}$ ,  $P$ ,  $T_{2a}$ ) e a que se encontra no domínio do social ( $L_{2b}$ ,  $P$ ,  $T_{2b}$ ). O ecossistema mental só fica completo se dobrarmos os dois triângulos menores no eixo de  $P$ , fazendo dele um único triângulo.

Tudo que é social só o é porque passa pelo mental, porque existe e subsiste nele, mas a recíproca não é verdadeira. Tudo que é mental só o é porque tem uma base natural (o cérebro e todo o sistema nervoso), porque existe e subsiste nele, mas a recíproca não é verdadeira. A única dimensão que existe sem as duas outras é a natural, a despeito da arrogância humana, que tenta camuflar o fato de sermos antes de tudo seres animais de carne e osso como todos os outros.

Veremos que o processo descrito lembra o trajeto antropológico do imaginário que, segundo Gilbert Durand (DURAND, 2000; 2012), é um "incessante intercâmbio que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social".

### 4. A ampulheta de lexicalização e a endoecologia da língua

Além do processo onomasiológico-semasiológico de formação de palavras (léxico), o que se vê na ampulheta da lexicalização vale também para os demais setores da língua. Após formada ela pode se referir a muita coisa além daquilo que lhe deu origem. Isso se deve em parte ao fato de as regras sistêmicas que fazem parte do ecossistema mental da língua preverem não apenas as formas ativadas, as que são usadas no dia a dia dos falantes. Esse ecossistema inclui também as formas inativadas previstas pelas regras sistêmicas, aquelas que poderiam ser usadas, mas ainda não o foram. Nesta seção do artigo vamos examinar esse tópico na sintaxe, na morfologia e na fonologia. Se pensarmos na virada semasiológica, pode ser que o princípio se aplique também à evolução semântica da língua, assunto que não será investigado aqui.

Na sintaxe, as regras sistêmicas permitem formar não apenas frases e orações tidas como “normais” pelos falantes (ativadas), mas todas as inativadas, inclusive as que nunca serão usadas e as que não têm sentido, como o famoso exemplo dado por Chomsky, reproduzido em (1).

(1) *Colorless green ideas sleep furiously*

A estranheza em relação a essa oração existe também em sua versão portuguesa, mostrada e (2).

(2) *Ideias verdes incolores dormem furiosamente*

Como já adiantado, ela é parte do ecossistema mental dos falantes. Tanto que tem a mesma estrutura que (3), que pode perfeitamente ocorrer, e frequentemente ocorre, em uma aula de fonologia. Esse paralelismo é uma prova cabal de que (1) e (2) são “gramaticais”, entendendo “gramatical” como “previsto nas regras sistêmicas inscritas no ecossistema mental da língua em questão”.

(3) *Fonemas oclusivos surdos ocorrem frequentemente*

Na morfologia, o conhecimento que os falantes têm das regras de formação de vocábulos prevê a formação de muito mais exemplos do que os que o tempo lhes permite formar, como se pode inferir do quadro a seguir, que expõe a estrutura de alguns vocábulos, embora, para economia de espaço, só estejam apresentadas algumas possibilidades de combinação de prefixos, radicais e sufixos. Esse pequeno quadro prevê muitos vocábulos, a maioria deles inativados, alguns até mesmo sem sentido, como o exemplo sintático de (1) e (2). Vale dizer, ele mostra que, além de *inconstitucionalismo*, as regras sistêmicas morfológicas preveem palavras inativadas como *\*antirretracionalismo*, *\*intribucionalismo*, *\*prostitucionalismo*, *\*antiprostitucionalista* e muitas outras. Entre parênteses é bom esclarecer que usamos o termo “vocábulo” para a palavra vista da perspectiva apenas formas, como combinação gramatical de morfemas.

**Estrutura do vocábulo**

in	con	stitu	cion	al	ismo	s
anti	re	tra	ir	.....	ista	
etc.	des	stru	etc.	etc.	etc.	
	pro	tribu				
	etc.	etc.				

O princípio tem validade também na fonologia. Embora em menor quantidade, as regras sistêmicas fonológicas preveem a combinação de fonemas em sílabas (ativadas e inativadas) e combinação de sílabas em morfemas e palavras (ativadas e inativadas). Muitas palavras inativadas estão previstas no quadro da estrutura das palavras. Sobre a combinabilidade de fonemas e de sílabas, todos os fonemas e todas as sílabas usadas no presente texto são ativadas. Mas, uns tempos atrás foi detectado pelo menos um exemplo de sílaba inativada, formada pelas regras sistêmicas fonológicas, mas que ainda não foi usada (ativada), pelo menos até onde pudemos investigar. Trata-se da sílaba /flès/, com “e” aberto. Ela é tão bem formada sistemicamente como a sílaba /frès/, também com “e” aberto, ativada em palavras como *fresta*. Tem sido argumentado que, mesmo não sendo usada, se alguma fábrica de chocolate desse o nome de *Taflés* a um de seus produtos os falantes não estranhariam. Isso é prova cabal de que /flès/ é parte do componente fonético-fonológico do ecossistema mental da língua portuguesa conhecido pelos falantes.

De modo geral, o que está armazenado no ecossistema mental dos falantes é muito maior do que o que cada um deles é fisicamente capaz de produzir, felizmente. A língua surge para falarmos do mundo, filogenética e ontogeneticamente, momento onomasiológico, mas, após formada ela pode ser redirecionada para outros potenciais referentes, permitindo falar de muitas coisas além daquelas que provocaram seu surgimento, como nas polissemias. Por exemplo, a já mencionada palavra *sobre* surgiu para indicar a posição de alguma coisa em cima de outra, o que já valia para a palavra latina que lhe deu origem, *super*. No entanto, após formada ela passou a designar também “assunto”, como em *estamos falando sobre fonologia*.

Enfim, de uma perspectiva mais ampla, tudo isso leva a que a língua permita falar não apenas do que existe, mas até do que não existe (ficção), permite fazer poesia, filosofia, enfim, como disse Umberto Eco, permite mentir (ECO, 1979, p. 6-7, 58-59).

**5.A ampulheta da lexicalização e o trajeto antropológico do imaginário**

A primeira vez que se associou imaginário e ecolinguística foi no livro *Ecolinguística e imaginário* (Elza K. N. N. do Couto, Brasília: Thesaurus, 2012). No IV EBIME (27-29/11/2023) o assunto foi retomado na comunicação “A memória e a existência da comunidade”, publicada em Couto & Couto (2020).

O fato de no trajeto antropológico do imaginário o domínio do psicológico ser o do grande eixo que integra tudo mais é perfeitamente compatível com o papel central e intermediador que a dimensão mental tem entre o natural e o social. É passando por ele que se dá a “gênese recíproca, que permite a oscilação do gesto pulsional ao ambiente social e material, e vice-versa (DURAND, 2012, p. 41). As “pulsões” estariam no nível inferior da ampulheta; as “intimações objetivas”, no superior.



## O PIDÃO, O LADRÃO E O ASSASSINO

por Amadeu Cassiano (o Ferro Veio)

*Um homem (H) recebeu a visita de um estranho (E), que disse pa ele:*

*- F: Ocê tem três fio. Todo os três com a sorte muito ruim.*

*- H: Mais, por que que o senhor sabe que a sorte dees é ruim?*

*- E: Uai, porque um vai sê pidão, o oto vai sê ladrão e o oto vai sê assassino.*

*O home ficô muito dimirado e disse:*

*- H: Isso num é possive, num pode sê! Meus fio é tudo ativo, vô estudá es tudo.*

*E garrô estudô os menino tudo, gastô quase tudo que tinha pa estudá os menino. Um formô pa padri, oto pa divogado e oto pa dottor. I formô tudo.*

*Passado uns vinte e tantos anu, já tava tudo home, habilitado, cada um nos seus ofiço, chegô o estranho lá travez e perguntô:*

*E: Cum é que é?*

Como e vê, a figura do médico foi representada como assassino, ao lado do padre como pidão e do advogado como ladrão. Uns 20 anos antes de 1974 tinha estado lá um médico "prático" que, segundo se dizia, fazia cirurgias sem anestesia, a frio, com o que muitos pacientes seus teriam morrido. Isso pode até não ser inteiramente verdadeiro, mas é o que estava na memória das pessoas, era parte de seu imaginário. Hoje (2023), no entanto, ninguém se lembra mais do fato narrado pelo Ferro Veio, exceto os mais velhos, como ele. Por isso hoje médico não é mais associado a assassino, mas àquele que cura as pessoas. A memória do "médico que mata" desapareceu. Não foi possível verificar se a memória do padre pidão e do advogado ladrão ainda subsiste. Pode ser que mesmo na época do fato narrado os dois não fossem vistos assim pela maioria dos membros da comunidade. Mas, o simples fato de entenderem o que o Ferro Veio disse atribui uma certa veracidade a esse dado do imaginário coletivo.

### 7. Observações finais

O que acaba de ser dito mostra a importância da **mente**, e do **ecossistema mental**, para a existência da comunidade. É na mente ( $P_2$ ) que está armazenada a história das comunidades, sobretudo as ágrafas, como ecossistemas mentais cujo *locus* é o cérebro ( $T_2$ ), que está em cada um dos e em todos os indivíduos. Por isso, o sábio do Mali, Hampaté Bâ, disse que quando morre um velho na África é como uma biblioteca que se incendia. Nas comunidades letradas, pelo menos parte da memória pode ficar armazenada em bibliotecas em museus e assemelhados.

Enfim, aqui nós apenas tangenciamos algumas das possíveis conexões que existem entre a dinâmica dos três ecossistemas linguísticos, cujo percurso genético está representado na ampulheta de lexicalização, e o trajeto antropológico do imaginário. Pesquisas mais aprofundadas e detalhadas podem revelar muitas coisas interessantes para as duas áreas, além de contribuir para uma salutar interdisciplinaridade, já que a linguística ecossistêmica é declarada e conscientemente multidisciplinar.

### Referências

COUTO, Elza K. K. N. do; COUTO, Hildo Honório do. A memória e a existência da comunidade. *Travessias* v. 14, n. 1, 2020.

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24114>

## ECO-REBEL

COUTO, Elza Kioko do; COUTO, Hildo Honório do. Por uma gramática ecossistêmica do português brasileiro. *ECO-REBEL* v. 9, n. 3, p. 14, 2023.

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/50278/38177>

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. Mapa mental. *ECO-REBEL* v. 3, n. 1, 2017, p. 205-226. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10482/9235>

COUTO, Hildo Honório do. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.

\_\_\_\_\_; SILVA, Anderson Nowogrodzki da; ALBUQUERQUE, Davi Borges. Onomatopeias brasileiras: Uma visão linguístico-ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 10, n. 1, p. 56-70, 2023.

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/52503/39483>

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., 2012.

ECO, Umberto. *A theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. Londres/N. York: Routledge, 4ª ed., 2014.

HARARI, Yuval Noah. 2020. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 5ed., 1973.

SILVA, Eduwesley Pereira da. *O corpo no léxico da língua portuguesa: uma análise pelo viés da Ecolinguística e do Imaginário*. Dissertação de Mestrado, UFG, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/07a70b24-742e-42a4-8495-c81b355a2ce7/content>

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, p. 284-307, 1935.

Aceito em 15 de maio de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.